

O POVO DE AVEIRO

(AVENÇADO)

Proprietario, Director e Editor — HOMEM CHRISTO

Anno LV

4.ª série

Assignaturas pagamento adiantado
Portugal: anno 20\$00. Semestre, 10\$00. Colonias:
anno 30\$00. Extranjero: anno 40\$00
Numero avulso \$40
Red. e adm. — Rua do Capitão João de Souza Pizarro

AVEIRO, 28 DE MARÇO DE 1937

Publicações
Na pagina de anuncios, linha \$80. Nas outras paginas
1\$50. Descontos proporcionaes ao numero de publicações
Comp. e Imp. IMPRENSA UNIVERSAL—AVEIRO
Telefone n.º 125

N.º 480

4.ª série

A Semana do Calvário

Terminou a semana do Calvário. N'outra parte d'este periodico vai hoje, em resumo, a noticia do atroz martyrio que custou ao proprio filho de Deus a lucta pelo ideal sublime da redempção da humanidade. Lucta que ainda não terminou, que tem reunido montanhas de cadaveres e feito correr rios de sangue.

Deus quiz que o sangue de Jesus se misturasse com o sangue de todas as victimas da iniquidade, de todas as victimas da tyrannia, de todas as victimas da maldade dos homens. O christianismo foi, na sua origem, um movimento dos humildes, dos pobres, dos desgraçados, enfim de proletarios.

«Compreende-se como, por um desti no excepcional, o christianismo puro se apresenta ainda, ao fim de dezoito seculos, com o caracter d'uma religião universal e eterna. E' que, de facto, a religião de Jesus é, a certos respeitoes, uma religião definitiva. Fructo de um movimento das almas perfeitamente espontaneo, liberto, á nascença, de toda a estrangulação dogmatica, tendo luctado trezentos annos pela liberdade de consciencia, o christianismo, não obstante as quedas que se seguiram, recolhe ainda os fructos d'essa excellente origem. Para se renovar só tem que voltar ao Evangelho. O reino de Deus, tal como nós o concebemos, difere notavelmente da aparição sobrenatural que os primeiros christãos esperavam ver brilhar nas nuvens. Mas o sentimento que Jesus introduziu no mundo é bem o nosso.»
(Renan, *Vie de Jesus*)

Mas o sentimento que Jesus introduziu no mundo é bem o nosso. Ninguém o poderia dizer com mais propriedade e com mais auctoridade.
Mas Renan continua:

«O seu perfeito idealismo é a mais alta regra da vida independente e virtuosa. Elle creou o céo das almas puras, onde se acha o que em vão se pede á terra a perfeita nobreza dos filhos de Deus, a santidade completa, a total abstracção das maculas do mundo, a liberdade, enfim, que a sociedade actual exclue como uma impossibilidade e que não tem toda a sua amplitude senão no dominio do pensamento. Grande mestre d'aquelles que se refugiam n'esse paraíso ideal e ainda Jesus.»

Donde se segue que os discipulos do Filho de Deus, a que outros tambem chamam o Filho do Homem, são justamente os que defendem a verdade, a justiça, o direito, a liberdade.

Não esquecer que Jesus foi condemnado como chefe d'um movimento sedicioso contra os dirigentes da sua patria. Os vendilhões do Templo, com os teríveis martyrios a que o submetteram, tiraram a sua desforra.

HOMEM CHRISTO

Bispado de Aveiro

Dissémos no ultimo numero, em noticia da ultima hora, que Roma restaurou o antigo bispado de Aveiro. Confirma-se a boa noticia. O bispado de Aveiro vai ser, enfim, uma realidade.

Admiram-se alguns da nossa attitude n'esta questão. Pois não ha que admirar. Como democrata somos partidario de todas as libertades. Respeitamos e defendemos a dos outros para termos o direito de exigir, altivamente, que, pelo menos, respeitem a nossa.

As tradições dos bispos de Aveiro são excellentes. O ultimo, D. Manuel Pacheco de Rezende, era homem das mais preclaras virtudes. Durante o dominio dos miguelistas, deu aos constitucionaes perseguidos todo o seu auxilio. Durante o dominio dos constitucionaes, fez o mesmo aos miguelistas. Dava aos pobres, a quem acudia nas suas afflicções, todo o dinheiro que possuía. Era um santo bispo!

Pela sua morte, e não se tendo preenchido o seu lugar, foi vigario geral D.

José Antonio Pereira Bilhano, mais tarde arcebispo d'Evora. Outro homem d'espírito liberal e cheio de virtudes.

Um dos seus successores, não me lembro se immediato successor, foi Manuel Augusto de Sousa Pires de Lima, sem nenhum espirito reaccionario, pessoa muito culta e muito intelligente, e tendo creado um tal amor á região, admirando-a de tal forma, sobretudo a Ria, que, sem nenhum interesse eleitoral, mais do que uma vez exaltou e defendeu em pleno parlamento.

Resta-nos falar do nosso arcebispo, D. João de Lima Vidal, aveirense dos mais illustres pela sua cultura, formado em três Faculdades, theologia, philosophia e mathematica, pela sua intelligencia, é intelligentissimo, pela pureza e honestidade da sua vida, pela sinceridade das suas crenças, pela sua bondade, pelo seu espirito recto e independente, enfim, pelo seu altissimo caracter.

Pois esta tradição não ha de pesar sobre o novo bispo, seja elle quem for? Pesa, certamente. Se não puder ser igual ás gloriosas figuras que ahí ficam, pelo menos, e é quanto basta, que d'ellas se approxime. Assim o esperamos. Se nos enganarmos, peor para nós, mas muito peor para a Igreja portuguesa e para elle.

Consta-nos que os interesses feridos faziam correr em Roma que Aveiro, por um incidente, filho de muitas causas, que uma vez se deu ahí, não era digna de um bispo. Mas, pergunto, Aveiro tratou mal alguma vez, com menos consideração, com menos respeito, com menos affecto, uma só das figuras illustres que ficam atrás mencionadas? De nenhum modo. Logo, houve algum motivo excepcional, falta de prudencia, por certo, da parte do bispado, para explicar esse incidente lamentavel. De resto igual a tantos outros, melhor dizendo: muito inferior a tantos outros que, sem reserva da parte da Igreja, sempre habilitissima na sua politica, por todo o mundo, e em todas as epocas da historia, se tem dado. Já agora a Santa Sé dar ouvidos, vendendo-lhe a marca do interesse ferido, sempre antipathico, a baixas intrigas, para deixar de restaurar, pois nem se trata d'uma criação, o bispado de Aveiro.

Não o fez e muito bem.
Aveiro nunca soffreu a tyrannia religiosa. Ao contrario, o que elle soffreu sempre foi a tyrannia dos caciques, que ainda agora não atiram foguetes, longe disso, pela restauração do bispado. Esse é que é o nosso inimigo secular. Muitas vezes se juntaram contra elle, — inda ha pouco na questão do porto de mar — liberaes e catholicos em defesa dos bons principios e do progresso da cidade. O bispado não me vem impor a mim as suas doutrinas, nem eu, a elle, as minhas, em materia religiosa. Elle respeita as minhas, eu respeito as d'elle. Eu sou livre no exercicio das minhas. Elle é livre no exercicio das suas. Esta é que é a verdadeira democracia!

Ha um ponto em que se encontram os homens de todas as opinões sociaes, religiosas e politicas: na defesa da justiça e da verdade. Era d'esse numero o velho bispado de Aveiro D. Manuel Pacheco de Rezende; era d'esse numero o ilhavense illustre, D. José Antonio Pereira Bilhano, que foi vigario geral em Aveiro e arcebispo em Evora; é d'esse numero D. João de Lima Vidal. Creio que será do mesmo numero o novo prelado. Vivo n'essa fé. Então, é caso para todos os homens de bem d'esta terra, onde ha tanta gente má, irem á sua frente, quando da sua chegada, gritar-lhe: Viva o sr. bispado! Seja bem vindo a esta cidade!

Isto por um lado. Por outro lado, encarando a parte material da cidade, andam tão frouxos os negocios, é tamanho o marasmo, que a força activa representada pela sede d'um bispado não é para desprezar. A sede de um bispado dá categoria e dá dinheiro. E d'uma coisa e d'outra anda falha a cidade.

PRATAS

Um colar de pérolas com 250 que era de 3.250\$00, salda-se por Esc. 2.250\$00 :
Um magnifico tableteiro de prata tendo de comprimento 0,65 e de largura 0,42 com o peso de 3.565 grammas por Esc. 2.600\$00.
Um serviço de prata de 5 peças, bule, cafeteira, leiteira, assucarreiro e tableteiro, : : : por Escudos 2.500\$00 : : :
Um de 5 peças em prata para 3 pessoas por Escudos 1.400\$00 : : :
SOUTO RATOLA — AVEIRO

GOTA DE LEITE

Lê-se na *Independencia d'Agueda*, sob o titulo *Noticias de Aveiro*:

«O sr. Homem Cristo recordou, há dias, no seu jornal, a obra benemérita desempenhada pela *Gota de Leite*. To davia quando se fundou teve inimigos que lhe moveram guerra atroz — segundo a dura expressão do sr. Homem Cristo.

Vingou, apesar de tudo, e as notas trazidas a lume são prova clara da sua utilidade. Distribuiu roupas, medicamentos, milhares de litros de leite; deu consultas e fez tratamentos médicos a centenares de crianças e de mães, desprovidas de recursos. Ultimamente socorreu, eficazmente, os sinistrados das cheias. E' uma instituição utilissima, desajudada, porém, das entidades officiais, como a Camara Municipal e Junta Geral. E o numero dos seus habituais subscritores é restrito. Espera-se que a vinda a esta cidade do sr. dr. Bispaia Barreto com o proposito de iniciar no Distrito de Aveiro a *Obra da Mãe e do Filho* sob a designação de *Obra de Protecção á Gravida e Defesa da Creação* — possa salvar de dificuldades a *Gota de Leite*, porque é ella necessária ás realisações em projecto por aquele conhecido e illustre médico coimbrão.

Teve inimigos que lhe moveram guerra atroz?

Teve e tem, mas de todos elles se ha de triumphar.

Transcrições e Referencias

O *Trabalho*, de 18 do corrente, faz a transcrição d'uns periodos do artigo *Doctrina*, publicado no *Povo de Aveiro*, de 14 de Março.

A *Verdade*, do Porto, diz:

«Saíu há dias, encontrando-se á venda em todas as livrarias do país, o 4.º volume de memórias do eminente jornalista Homem Cristo.

Oportunamente nos occuparemos aqui das matérias deste novo volume, podendo desde já afirmar que o seu interesse de leitura é flagrante, por isso que se occupa de factos e homens que são quasi do nosso tempo e cujo conhecimento auxilia a compreensão da nossa historia politica de há 30 annos.

Homem Cristo presta um verdadeiro serviço com as suas memórias, não apenas pelos ensinamentos que os successos neles nos fornecem, mas tambem porque situa no seu verdadeiro lugar os homens que neles intervieram e in fluíram.»

Sol Nascente, do Porto, referencia transcripta e applaudida pela *Rabeca*, de Portalegre:

«Homem Cristo é tambem um culto. Pode não pensar se como ele, não afeirar-se as coisas e os caracteres pela mesma bitola. Mas há que compreender o simbolo de energia, de dinamismo perene e intenso que representa esse velho de aproximadamente oitenta annos, ousando pensar por sua conta, ferir, degladiar-se e que, nesta hora convulsa, desequilibrada, dirige palavras de optimismo, animadoras, ás gerações que se preparam para manter na sociedade uma linha de orientação progressiva... Homem Cristo é um simbolo de vivacidade e dá-nos, no seu exemplo de enérgica conduta, uma salutar lição.»

A *Plebe*, de Valença, tambem faz uma amavel referencia ao director do *Povo de Aveiro*.

A todos os nossos agradecimentos.

Vem a Aveiro?

Querendo juntar o util ao agradável hospede-se no *Hotel Restaurant*

Bruno da Rocha & C.ª

Este numero foi visado pela comissão de censura

Noticias do Extranjero

Telegrammas dos Diarios Portuguezes

Os tumultos de Clichy

O funeral das victimas. O cortejo, muito extenso, desfila por entre numerosa multidão, num percurso de oito quilometros. Não se registaram incidentes.

PARIS, 21 — A concentração do cortejo para o funeral das victimas de Clichy começou ás 12.30, defronte do numero 211 da rua Lafayette, perto da «gare» de leste. Defronte do edificio, mais de mil coroas estão expostas sobre carros. A multidão que forma o cortejo ouve com disciplina as ordens dadas pelos commissarios encarregados de organizar a ordem e a marcha do funeral. A's 13.30, o cortejo põe-se em marcha. Os caixões estão cobertos com bandeiras vermelhas, excepto um, que está coberto com pano branco e cercado de flores brancas. Atraz seguem as familias, as corças e a seguir as commissões de diversas uniões sindicais e três bandas tocando marchas funebres, veem depois as bandeiras de todos os sindicatos da região parizense, e logo a seguir outra banda tocando a internacional, que a multidão entoa em coro, apesar da prohibição dos organizadores.

Os dirigentes de cada grupo representado no funeral marcham á frente das suas delegações. Uma magnifica alfomada de flores naturais brancas, sobre as quais flores vermelhas desenhavam as iniciais C. G. T. e que foi oferecida pelo grupo dos sindicatos metalurgicos, é objecto de curiosidade e admiração.

A's 14 horas, o cortejo, que se tornou silencioso, avança rapidamente, mas sofre por vezes bruscas paragens. As janellas estão repletas de espectadores. O serviço de policia, muito importante, mas que se dissimulou nos estabelecimentos publicos, continua invisivel. O publico reage esporadicamente por meio de diversos gritos. Os grupos socialistas observam disciplina e desfila silenciosamente. Enquanto o cortejo passa, vão sendo recolhidos donativos dos curiosos e até moedas lançadas das janellas.

A's 14-40, a frente do cortejo chega á porta Pouchet e entra em Clichy, onde a multidão é ainda mais numerosa. A' frente, nota-se a commissão central do partido comunista, na qual se reconhece Thorez, Cachim, Duclos e Maranne, presidente do conselho geral. Segue-se a commissão administrativa socialista e, especialmente, Paul Faurex e Rioul Everard, chefe do gabinete do ministro do Interior. O Governo não está representado oficialmente. No «boulevard» Lorraine estão instalados alto-falantes, para que os manifestantes possam ouvir os discursos que vão ser pronunciados na praça. Sacco e Vanzetti. Foi reservado um estrado para as familias das victimas, defronte do catafalco onde serão expostos os caixões. Todos os lampadaes estão recobertos com crêpes. O cortejo avança por entre numerosa multidão. Os estabelecimentos estão fechados. Reina silencio á passagem do cortejo. A musica toca a marcha fúnebre de Chopin e o coral municipal canta em surdina a Internacional. Os carros penetram na praça Sacco e Vanzetti, conduzindo centenas de coroas. Nota-se a que foi oferecida pelo comité espanhol. Antes dos discursos, o coro faz-se ouvir.

Aufray, «maire» de Clichy, lembra as circunstancias em que se deram os acontecimentos de Clichy e pede a dissolução das Ligas facciosas reconstituídas e a prisão dos seus chefes, assim como a depuração, na policia, «dos cumplices dos fascistas».

Jouhaux, secretario geral da C. G. T., dirige uma suprema homenagem ás victimas: «Não quero — diz ele — que saia dos meus labios qualquer palavra de ólio ou de vingança. O sangue daquelles que tombaram pede que se salvaguarde a liberdade de todos. Para que não se torne necessário que caiam em França, por toda a parte victimas expatriadas desta luta pela liberdade?»

Nunca mais as balas fraticidas devem abater outros franceses. Nós, homens da ordem, pedimos que todos res-

peitem a ordem republicana». O orador acrescenta: «Dirigimo-nos ao Governo, pedido-lhe que adopte medidas que ponham termo a provocações continuas, para que se estabeleça um regimen de liberdade para todos e de salvaguarda para a nação».

Murice Thorez, comunista, fala em seguida: «Basta de sangue e de ameaças. Todos á acção, unidos e coerentes, pela paz, pelo pão e pela liberdade. Não deixaremos, no dia seguinte a esta grandiosa manifestação, abafar a reivindicação da Frente Popular: o desaparecimento das Ligas facciosas».

Fala depois o secretario-adjunto do partido socialista, Severac, que diz: «O partido socialista afirma a responsabilidade profunda das organizações facciosas, as quais, por meio de manobras constantemente renovadas, criaram no país uma atmosfera de falta de segurança e de inquietação, favorável a catastrofes como a que deploramos hoje. O partido socialista conta com a vontade daqueles que a Frente Popular collocou no poder e com a clarividencia politica do proletariado e de todo o povo, para que semelhantes desgraças não possam repetir-se».

Perney, em nome do partido radical socialista, diz: «A nossa vontade é realizar a união de todos os franceses dedicados á democracia e á republica pacifica, que queremos livre, forte e feliz».

O cortejo desfila em seguida e começa a dissolver-se, sem que haja incidentes a assinalar. Assistiram ao funeral, segundo declarações do ministro do Interior, 300.000 pessoas.

O cortejo percorreu oito quilómetros. A's 19.45, não se regista nenhum incidente.—H.

ROUEN, 17 — Daladier pronunciou, hoje, um discurso, durante a manifestação que a Federação Radical Socialista regional organizou em Mcromme.

O Ministro da Guerra, depois de felicitar os militantes e de expôr a doutrina radical socialista, concluiu por examinar a politica interna:

«A penosa impressão que os acontecimentos tragicos de Clichy provocaram em França e no estrangeiro está longe de se dissipar.

Reina grande inquietação no país depois daquela deploravel noite em que se chocaram os manifestantes e o serviço de ordem, que se compunha tambem de filhos do povo.

Fóra das fronteiras, os amigos admiram-se profundamente com estes tumultos, e os adversarios, recomeçando a propaganda através do mundo, representam uma vez mais a França como enfraquecida e até mesmo despedaçada por facções e ameaças de guerra civil.

E' mais do que tempo de consagrar os esforços ao restabelecimento da paz entre os franceses, condição da manutenção da paz externa. Mas a ordem só pode assentar no respeito pela lei. Numa democracia livre, é a lei, expressa da vontade nacional, que é e deve continuar a ser o verdadeiro soberano. Fora do respeito pela lei, deixa de haver verdadeira democracia e verdadeiro regime republicano.

Daladier proseguiu:

«Nenhum Governo, no passado, realizou com tanta rapidez e energia como o Governo actual uma obra social tão generosa. Nenhum se curvou com mais simpatia fraternal sobre os sofrimentos bem reais da classe operária. Quem, de boa fé, poderia sustentar uma opinião contrária?»

Mas o campo das reivindicações não poderia ser ilimitado. E' preciso ter em conta as possibilidades da economia, que a hora presente exige, especialmente do aumento da produção. E' preciso pensar tambem nessas classes médias dos pequenos e médios industriais, dos modestos comerciantes e dos pequenos proprietarios, que têm tambem direito á vida e ao bem-estar.

Não seria servir a classe operária deixá-la ser levada por elementos irresponsáveis para a perigosa quimera de que o poder deve em breve pertencer-lhe, e só a ela. Servir a classe operária é, em primeiro lugar, dizer-lhe a verdade. A França quer a liberdade para todos os cidadãos que respeitem as suas leis. E' neste amor pela liberdade que baseia a sua verdadeira grandeza. Opõe-se, resolutamente, a qualquer ditadura, quer seja dum homem, quer dum partido ou duma classe.

Consultório Médico Cirurgico

AVENIDA CENTRAL — Telefone 186

Pedro da Rocha Santos **Gabriel Teixeira de Saria**

Assistente da Maternidade

Dr. Daniel de Matos

Partos, Doenças das Senhoras e das Crianças

CONSULTAS AOS SABADOS DAS 10 às 12

MÉDICO

— Partos, Doenças pulmonares —

Clínica Geral

Consultas todos os dias das 10 às 12 e 15 às 18

Residência: AVENIDA do HOSPITAL

— TELEFONE 186 —

ELECTRICIDADE MÉDICA

Foi com este pensamento que nós, precisamente para defendermos a liberdade, tomamos parte na formação da Frente Popular. Sem nós, ela não se teria criado. Também não poderia durar sem o nosso apoio. Demos a nossa palavra de que colaboramos com lealdade na obra do seu Governo, quaisquer que fossem as dificuldades. Pensamos e dizemo-lo com franqueza que é preciso servir a Frente Popular e não servirmo-nos dela. Não há outra alternativa, senão respeitar os compromissos publicamente assumidos, ou denunciá-los á luz do dia.

Daladier concluiu:

«Estamos decididos a defender a democracia contra todos os ataques e a manter as reformas sociais felizmente realizadas, e ainda a criar uma atmosfera favorável e indispensável á sua duração.»

O partido radical está resolvido a proteger a ordem e a paz. Desejo que este apelo seja ouvido por todos os franceses que amem as ideias democráticas e que as queiram manter contra todos os empreendimentos de violência e força.—H.

Asnatica PerguntaLê-se no *Correio do Vouga*.

Conselho provincial e Conselho Municipal. — Recebemos uma carta de um constante leitor que não podemos publicar na íntegra e em que se nos fazem as seguintes perguntas:

«Poderia explicar-nos porque é que o Povo de Aveiro tão pressuroso em anunciar que os Srs. Dr. Alberto Souto e Visconde da Granja não aceitavam a sua indicação para o Conselho Municipal, da nova divisão administrativa, não disse uma palavra sobre a entrada do Sr. Dr. Alberto Machado para o Conselho Provincial?»

E também poderia explicar porque é que o Sr. Dr. Machado não seguiu o exemplo do seu colega na direcção da *Gota de Leite* renunciando ao cargo no Conselho Provincial, tal como o Sr. Visconde da Granja fez em relação ao Conselho Municipal?»

1.º—Na altura em que sahi a noticia no *Povo de Aveiro* o sr. Dr. Alberto Machado ignorava a sua nomeação para o Conselho Provincial. E quando o soube, soube também que *perdiera os seus direitos políticos* por uns tantos annos, rejeitando. Não valia a pena.

2.º—Não tivemos pressa nem deixamos de ter na noticia relativa aos srs. Alberto Souto e Visconde da Granja. A noticia sahiu quando elles a pediram.

Caça ao Crocodilo

Vem-se falando ha muito das tentativas feitas em Africa por um português para a total destruição do crocodilo. Essas tentativas são de consequências de tal valor que, a serem exequíveis, como parece, não se comprehende o desprezo a que tem sido votadas. N'esse sentido nos escreve o seu auctor, sr. Francisco Esteves de Moura, enviando-nos numerosos documentos a comprovar o bom exito dos seus trabalhos. Vamos lê-los com vagar. Por hoje publicamos a carta do sr. Moura e transcrevemos um artigo, sobre o assumpto, do *Intransigente*, de Benguella.

Segue a carta:

Brazzaville, 15 de Fevereiro de 1937. Ex.mo Senhor Homem Cristo, illustre Director de «O Povo de Aveiro»—Aveiro. Excelencia,

Foi-me dado apreciar a alta personalidade moral e vasta cultura de V. Ex.a por alguns números do «Povo de Aveiro» de 1933-34 35 36-37, emprestados pelo admirador de V. Ex.a sr. Artur Pires, em quem se nota que os esmerados dotes de educação civica que possui, lhe veem em grande parte do Mestre de cidadãos que V. Ex.a é.

Falta foi minha, conhecendo V. Ex.a de nome há pelo menos trinta annos, não ter tido a curiosidade de o ler e peço-lhe perdão de tendo a tantos parvos solicitado auxilio para a obtenção da lei do extermínio dos crocodilos, ser V. Ex.a o último a quem dirijo a minha prece.

Está Portugal sob a ameaça dum escandalo tão grave, cujo mobil é a BIRRA SANGRENTA a que já foram sacrificadas quatrocentas mil vidas que podiam e deviam ter sido salvas, com grande gloria para Portugal que pelo exemplo comandaria esta luta herculea, contra o maior flagelo dos tropicos, ao longo das suas dezenas de mil rios infestados pelos crocodilos.

Só o Zaire, português, francês e belga, tem vinte mil quilometros de rios navegáveis e navegados e milhares de afluentes que o não são e a todos o voraz e feroz crocodilo é comum.

Para fazer cessar os accidentes humanos, alguns desses bastariam e como despesa, zero escudos.

Entretanto foram a Londres dançar os «Pauliteiros», preparar o ambiente moral ao actual Embaixador de Portugal, então Ministro das Colónias, que os honrou na vespera da partida, indo oficialmente assistir á sua exhibição no teatro Condes.

A V. Ex.a remeto duas copias e um original de «L'Avenir Colonial Belge» com anotações iguais ás que pelo ultimo correio, remeti registados aos Senhores General Carmona, Farihu Beirão, Ministro das Colónias, Antonio d'Oliveira Salazar (N.º 465-466-467-468) e em carta simples á Sociedade de Geografia, que outros documentos meus possui; e Lord Baden Powel, lord Nuffield, Jardins Zoologicos d'Anvers, Paris, New York e Londres, só com a nota: «Pour plus de renseignements, s'adresser à l'Ambassade du Portugal à Londres».

Eu desejaria remeter um arquivo completo a V. Ex.a, mas a quando da ultima demonstração no Zaire, naufraguei numa canoa e perdi quasi todos os originaes, mas deste processo, alem dos artigos da imprensa, há mais de quarenta mil folhas de papel disseminadas sobretudo em Portugal e Angola e em tempo oportuno talvez o possa reconstituir.

Digne-se V. Ex.a receber a incumbencia de trabalhar para que seja Portugal o iniciador desta grande Obra, o que me parece possível, se Ele o fizer até fins de março proximo, e aceitar os protestos sinceros da minha admiração, pela enorme e nobilissima Missão que desempenha pela civilização de Portugal

FRANCISCO ESTEVES DE MOURA

Vejam agora o que diz o *Intransigente*, de 26-8-936.

Criminosa Indiferença

Matar crocodilos, é salvar vidas preciosas

Lemos ha tempo no jornal «O Lobito» uma referencia acerca do extermínio dos crocodilos. E no jornal «A Provincia de Angola» tambem... E o caso fez com que, ha dias, vissemos em um numero velho de «O Seculo», de 1929—2.ª columna, 1.ª página, o mesmo assunto tratado com certo interesse e paixão,—pode-se dizer.

Infelizmente constata-se que tão importante problema não consegue despertar nem a consciencia das nossas responsabilidades internacionais, nem um vago sentimento de solidariedade humana, de defeza colectiva, legitima... E no entretanto, quantas vantagens haveria do extermínio dos crocodilos? ...Tantas, tantas...

Já que o aspecto mais elevado do problema não consegue interessar a grande massa do publico, vejamo-lo sob o seu aspecto material, mercantil. Isto ao correr da pena:

a)—reservar para o tesouro a continuação do pagamento do imposto indigena, até ao termo natural da sua idade, aos homens que pelos crocodilos são devorados;

b)—permitir ás mulheres que tem igual trespasso, continuarem a procriar futuros contribuintes, produtores e consumidores;

c)—vender as peles das feras;

d)—empregar na sua caça, muitos dos muitos desempregados.

Para que resultasse efectiva a resolução do problema, bastaria uma lei imperial, colonial, provincial, cometendo aos funcionários administrativos e militares, a obrigação do adestramento dos indigenas á caça e ensino da

esfola e salga da pele, de forma a obter a melhor cotação.

Conquistar-se-iam os mercados que, logo que o metodo se divulgasse, seriam superabundantemente fornecidos por outras colonias, com a consequente queda da cotação.

Convocar-se-ia uma conferencia internacional tropical para o extermínio simultaneo da fera e nela se obteria de todos os governos tropicais, a preferencia do couro dos crocodilos no emprego dos equipamentos dos exércitos e marinhas metropolitanas e coloniais dos países tropicais, ou que ali, como nós, tem jurisdicção, a fim-de haver escoamento para colheita das peles.

O valor estavel, desde ha tres annos, de uma pele de crocodilo, é igual ao numero de polegadas medidas na maxima largura da pele, a multiplicar por um xelim, sendo de 1.ª qualidade. Sendo desde já educados os indigenas, todos o podem fazer, porque o que desprezia a pele, são principalmente os buracos, que facilmente se evitam.

Pelo baixo, pode-se calcular mesmo assim, muito superior a um milhão, o numero de «gangsters» que sob a nossa protecção caçam o homem nas estradas aquaticas dos tropicos.

A pele de um grande crocodilo mede quarenta polegadas de largura—40 xhs.—; de um medio de 15 a 25. Supondo uma media de 20 polegadas concedendo que a cotação é só metade da actual, temos que poderemos colher em um a dois annos, um valor de exportação variando de cincoenta a cem mil contos.

Mas isto não vale nada...

O que vale é a vida humana; mas preferir a conservação de uma fera á vida de um homem... Não se quer salvar milhares de vidas ganhando milhares de contos,—é horrroso... E' o epilogo da civilização romana, iniciada no circo.

a) João Dias

O assumpto é, de facto, de tal importancia que não podemos deixar de voltar a dizer sobre elle algumas palavras.

Getsemâni

E' chegado o momento de penetrar nas trevas. Logo que transponha o limiar daquela porta, começará a sua Paixão. Jesus recita o «hallel», que é a acção de graças pascal, desce, contorna o Templo iluminado pela lua da Páscoa, entra num horto que havia no Monte das Oliveiras.

O pequeno grupo, desde que Jesus anda acoitado, dorme muitas vezes naquele horto, que se chama Getsemâni, porque existe ali um lagar de azeite. Era aquêlo o refugio habitual, quando não se alongavam até Betânia.

Os onze Apóstolos nada fazem, naquela noite, que lhes pareça extraordinário: dormem no chão, como de costume, embrulhados nas capas.

O Mestre leva consigo Pedro, Tiago e João, e afasta-se para rezar; tambem é o costume, e, por isso, não se admiram. A pouca distancia dos três mais queridos amigos, Jesus prostrou-se, com o rosto em terra. Invade-o uma tristeza mortal. Tem medo: é preciso que coadjuvante tambem o pavor. O cheiro do sangue fá-lo tremer, sente o horror, o arreio da carne á vista da tortura física: «Meu Pai, se for da tua vontade, afasta de mim este cálice».

Uma parte do seu ser retrai-se ante aquêlo destino atroz: «Que seja feita a vossa vontade», e não a minha...

A vontade de Jesus neste momento é fugir a semelhante horror. Passa a mão pela testa molhada: de onde vem é-te sangue? Detém-se a meio da supplica, põe-se á escuta. Não há homem algum que, a certas horas do seu destino, no silencio da noite, não tenha conhecido a insensibilidade da matéria cega e surda. A matéria esmaga Cristo, que sente na carne o horror daquela ausencia absoluta. O Criador desapareceu, e a criação não passa de um fundo de mar estéril; e os astros da luz amortecida espalham-se pela amplidão do céu escuro. Ouvem-se nas trevas gritos de animais devorados.

Confundido com a terra, prostrado, o Nazareno levanta-se por fim. O Filho de Deus caiu num grau tal de abatimento, que sente necessidade de uma consolação humana: chegou lhe tambem a vez de reclinar a cabeça, inundada de suor de sangue, num peito amigo. Aproxima-se dos três adormecidos («adormecidos de tristeza», d'z S. Lucas).

Mas elles estão cheios de sono, exaustos. O amor não resiste ao sono—todos nós o sabemos. Jesus, prisioneiro da humanidade, no momento em que precisa dos seus para não desfalecer, encontra-os a braços com a lei da semi-morte, do entorpecimento e do sono. Até o Apóstolo mais amado dorme, com todas as forças da mocidade. Dir-se-ia aniquilado pela sua própria força.

—Pois quê? Não pudeste vigiar uma hora comigo?

Levantam-se, suspiram um pouco, bocejam, deixam-se cair de novo do chão.

Centro Comercial de Aveiro, L.ª

Armazem de Porcelanas, Vidros, Cristais, Esmaltes, etc.

Vendas a prestações com bonus

AVENIDA CENTRAL

Telefone 168

AVEIRO

O Mestre arrasta-se até ao lugar já marcado com o seu sangue, ajoelha, lateia á maneira de cego, e vem outra vez para junto dos discipulos—porque estes, por muito insensíveis que fossem, estavam ali, e ele podia sacudi-los, tocar-lhes nos cabelos. O Filho do homem aniquilado sente-se oscilar—entre o entorpecimento do homem e a ausencia de Deus—entre o Pai ausente e o amigo adormecido.

Só á terceira vez é que elles se levantam, com os olhos tomados de sono e sem sabermos que resposta lhe dão de dar. Se a Lua ainda brilhasse, Jesus teria visto, com certeza, na sua frente, uns pobres rostos desfigurados, opados, barbudos.

—Dormi agora e descansai.

Já não sente necessidade de ninguém. Permanece imóvel, com a cabeça levantada. Escuta os gemidos, o ressonar daqueles corpos, e, ao longe, um rumor confuso de passos, de vozes...

Então, desperta-os e diz-lhes: —Vamos, levantai-vos! aquele que me há de entregar está muito perto daqui.

Juntam-se apressadamente aos outros discipulos, acordam-nos, e todos se agrupam em volta do Filho do homem, que se confunde com elles.

O tribuno que avança da escuridão da noite á frente dos quadrilheiros do Sumo Sacerdote e de alguns soldados, com archotes acesos, apenas vê ao clarão das chamas um pequeno grupo sombrio de Judeus; nenhum d'elles se distingue dos outros nem mostra ser o chefe. O autor da vida é um daqueles Nazarenos barbudos, confundido com os outros, pois é preciso que Judas o indique. No espirito do homem de Carriote surgiu uma ideia, para designar Jesus: «Aquele a quem eu beijar é elle».

Não: a ideia é tão sobrenatural, que o traidor não a teve por si próprio. A traição pelo beijo deixa atónito Aquele que já não esperava nenhuma surpresa. Sentira os lábios de Judas na face! Pergunta-lhe: «Amigo: a que vieste?» E, vendo os soldados rodearem-no: «Pois tu trais o Filho do homem por meio de um óculo?» Aquella criatura causa-lhe espanto, a elle, que julgava ter descoberto os mais fundos mistérios da indignidade humana. Mas aquella beijo...

Levantou-se, a principio, um certo tumulto. Os Apóstolos não se mostraram logo cobardes, porque conheciam o poder divino do Mestre; e, tendo Pedro cortado com a espada a orelha de Malco, servo do Sumo Sacerdote, Jesus ordenou lhe que metesse a espada na bainha; depois, afastando-os de si, pôs-se á frente do grupo, como mãe que se encerra para defender a ninhada: «Sou eu! Se a mim, pois, é que buscais, deixai ir estes; podeis ter-me prendido há mais dias, no Templo. Mas a vossa hora é esta...» A luz dos archotes, a matilha atirou-se sobre a presa, que se entregava. Então todos fugiram, excepto um manco desconhecido, que ali estava e que nem teve tempo de se vestir. Quem seria aquelle homem fiel da ultima hora? Agarraram-aos, mas, com agilidade, deixou-lhes nas mãos o lençol que o envolvia e fugiu.

Jesus foi levado a casa de Anaz (sogro de Caifaz, principe dos sacerdotes), que o mandou atar mais solidamente e o remeteu ao genero. Caifaz velava com os anciãos e alguns membros do Sinédrio. Talvez nunca tivesse visto Jesus. Então o famoso fazedor de milagres, o inimigo dos Pontífices, era aquêlo, aquêlo pobre diabo? Interrogou-o primeiro naquele tom que não perderam, passados tantos séculos, os juizes de Joadá d'Arc—com uma prudente complacência. O acusado respondeu que falou em publico, abertamente, que ensinou no Templo e na sinagoga, acrescentando que nada dissera em segredo:

—Para que me interrogas? Pergunta áqueles que me ouviram o que eu lhes disse: elles sabem o que ensinei.

Teria falado um pouco mais alto? Involuntariamente, falaria ainda como senhor? O certo é que a mão pesada de um soldado o esbofetou.

—E' assim que tu respondes ao Pontífice?

—Se eu falei mal, mostra-me em que está o mal; mas, se falei bem, por que me bates?

Era indispensável uma base de accusação. Depuseram dois homens, dizendo que o acusado pretendia destruir o templo de Deus, para o reedificar em três dias. O Sumo Sacerdote levantou-se: «Ouviste? Não tens nada que responder?»

Chegara-se á afronta de lhe cuspirem na cara. Fora quando Caifaz o intimara a reponder: «Eu te conjuro, pelo Deus vivo, que nos digas se és o Cristo, filho de Deus bemdito!»

Jesus, calado até então, ergueu de repente a cabeça e pronunciou distintamente:

—Tu o disseste: sim, sou eu. Affirmo-te que há-de ver o Filho do homem sentado á direita do Altissimo, e vindo sobre as nuvens do céu.

Ouviu-se um grito de horror. Cuspia-lhe primeiro um, depois outro, depois muitos outros. Os criados esbofetavam-no, tapavam-lhe a cara e davam-lhe punhadas, rindo estrondosamente. «Adivinha, Cristo, quem te deu!»

Os soldados apoderaram-se d'ele. Iam gozar á farta. As correias tinham bolas de chumbo nas pontas. Neste momento, o Filho do homem toma sobre si, plenamente, todos os nossos beijos, todos os nossos abraços, a prostituição dos corpos criados para habitação do Amor, o aviltamento da carne, e os crimes, não só contra a Graça, mas ainda contra a natureza. Cobre-o como um manto carmesim o sangue que lhe escorre pelo corpo; e é sobre esse manto que os soldados vão colocar outro, de pano, que se lhe colará á carne viva. Pelo chão veem-se acendalhas e feixes de espinheiro. «Espera: vou fazer uma coroa para o rei! Mete-lhe tu esta cana nas unhas. E' o cetro!... Salve, rei dos Judeus!» Ajoelhavam, empurrando-se uns aos outros; e, depois, davam-lhe punhadas nas faces, que eram tódas uma chaga.

E' a hora da carniça; o cervo está á mercê da dentuça aguçada dos cães. Como há-de elle levar a sua cruz, se mal tem forças para se arrastar? Mandam Simão de Cirene, pai dos dois discipulos Alexandre e Rufo, carregar com o madeiro. Seguem-no dois bandidos, que arrastam cada um outro igual e se não distinguem em nada de Deus. Devemos ver aquella cruz, tal como ela era—tam diferente do trono que depois lhe erigimos e que ergue o Cordeiro de Deus acima do mundo! E' uma verdade quasi intolerável essa, que é preciso olhar bem de frente: «Os primeiros Cristãos tinham horror a colocar Cristo na cruz, escreve o padre Lagrange, porque tinham visto com os seus próprios olhos os miseráveis corpos completamente nus, amarrados a um poste tóscico, atravessado na parte superior por uma prancha em forma de T, com as mãos pregadas ao patíbulo, e os pés tambem cravados, o corpo a descair, vergado ao próprio peso, a cabeça pendente. Tinham visto os cães, atraídos pelo cheiro do sangue, a devorar-lhes os pés, os abutres voltando sobre aquêlo campo de morte crudelissima, e o paciente extenuado pelas torturas, a arder em sêde, chamando desesperadamente pela morte, em gritos inarticulados. Era este o supplicio dos escravos e dos bandidos. Foi tambem aquêlo que Jesus sofreu».

O Gólgota ergue-se ás portas da ci-

Região chicoreira do Paiz

AVEIRO

Peçam preços de chicoria estufada, granulada, granitada e moída a

Manuel M. Janvelho, Suc.ª

Aveiro — EIXO

Prolongai a vossa vida tomando o café lotado com chicoria desta região

dade. Seria possível terem-se dado numa distancia tam pequena as três que das consagradas pela tradição? O caminho que ele, oprimido pela multidão e arrastado pelos soldados, percorre é curto. Maria não se encontra provavelmente ao alcance da sua vista, mas está presente. Como o seu filho e seu Deus já não tem forças nem palavras para a repelir, emerge finalmente do silêncio e da sombra, com o coração trespassado pela espada. Não há santo que possa abraçar tam estreitamente a cruz como a Virgem—que se consagra silenciosamente à Redenção. A mãe não solta um grito: não é citada entre as mulheres que gemem em volta do condenado. Naquele momento, Cristo pesa o castigo da cidade e do povo deicida, julgando-o pelo excesso do seu sofrimento, e vibra de compaixão por eles: «Chorai por vós mesmos e por vossos filhos!» Parece que uma das que choravam saiu do grupo, e lhe limpou o rosto com um pano. Os evangelistas não falam de Verónica, mas esta mulher existe, não é uma personagem inventada. Uma mulher piedosa não poderia resistir ao desejo de limpar aquela face desfigurada pelo martírio.

A CRUCIFICAÇÃO

Eis-nos chegados ao ponto culminante, o mais atroz de todos: o arrancar das vestes coladas às chagas, as marteladas nos pregos, o levantamento do madeiro, o peso do fruto humano, a sede mitigada com vinagre, mirra e fel, a nudez, a vergonha da carne exposta aos olhares... O refúgio da pequena Hóstia! Os verdugos fazem a sua obra de carrascos, como costumam, e Jesus roga por eles, porque não sabem o que fazem. Mas o ódio dos Escrivães e dos Sacerdotes é insaciável. Nem mesmo diante daquela chaga viva eles deixam de rir, de abanar a cabeça, de chasquear: parecem ainda insatisfeitos do seu triunfo: «Curaste os outros, e não te podes salvar a ti mesmo! Desce dessa cruz, e então acreditaremos em ti! Se és o Rei dos Judeus, por que te não salvas a ti próprio?»

Há, porém, uma sombra naquele quadro para eles de prazer: a inscrição que Pilatos mandou colar no alto da cruz: *Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus*. Alguns ainda fizeram diligências para que o governador mandasse emendar assim o letrero: *que se disse rei dos Judeus*. Mas Pilatos já está farto deles, e até, talvez, penetrado de angústia. Despede-os sêcamente: «O que está escrito, está escrito».

Um mar de gente solta blasfêmias em volta daquela cruz, posta tão baixa, que poderiam ainda cuspir no condenado. Contentam-se de lhe vibrar sarcasmos: «Tu que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, por que não te salvas a ti próprio?»

Que o faça, e então sim: todos acreditarão nêlo. Rodeiam-no com piedoso cuidado e carinho aqueles que ele ama; ficam de guarda em volta do seu corpo exposto, cobrindo e velando com o seu amor a sua nudez, que não ofende ninguém, porque é demasiado sangrenta e demasiado dolorosa. Através de uma cortina de sangue e pus, o Senhor vê a sua dor reflectida naqueles rostos tam queridos: o de Maria, sua mãe, o de Maria Madalena, o de uma das suas tias, mulher de Cleofas. E' provável que João esteja de olhos fechados.

Mas eis que se dá o episódio sublime, a derradeira criação do amor inocente crucificado, que só Lucas refere: «Um dos ladrões que estavam crucificados blasfemava contra elle, dizendo: «Se tu és Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós também».

Mas o outro repreendia-o, dizendo: «Nem ainda agora temes a Deus, tu, um condenado ao mesmo supplicio? Para nós, é justiça, porque sofremos o castigo dos nossos crimes; mas elle está inocente».

Mal acabou de falar, penetrou nêlo uma graça infinita—a graça de crer que aquêlo supplicado, aquêlo miserável despôjo que os próprios cães desprezariam, é Cristo, o Filho de Deus, o Autor da Vida, o Rei do Céu.—E, já possuído de fé, disse a Jesus:

—Senhor: lembrai-vos de mim, quando tiverdes entrado no vosso reino.

—Em verdade te digo que hoje mesmo serás comigo no paraíso.

Um impulso de puro amor bastou para apagar todos os crimes de uma vida inteira. Bom ladrão, santo obreiro da hora derradeira: inunda-nos a alma de esperança redentora!

A MORTE

Da sua vivíssima e profunda agonia, Jesus envolve num último olhar os dois séres que mais amou no mundo, e confia-os um ao outro: «Mulher, eis aí teu filho—Eis aí tua mãe...» e a nossa também, por toda eternidade. Maria e João não mais se separaram. De repente, reboou o grito lancinante, o brado nunca ouvido, que ainda nos gela de terror:

—Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

TEATRO AVEIRENSE

Domingo, 28 de Março de 1937 — ás 15,30 e 21 horas —

o admiravel filme musical O GRANDE ZIEGFELD

Sumptuosas cenas de revista UMA FORMIDAVEL APO-TEOSE A' BELEZA FEMININA

Cinema Sonoro

Domingo, 4 de Abril JEANETE MAC DONAL e NELSON EDDY

na deliciosa opereta Rose Marie

Quarta-feira, 7 de Abril Um unico espectáculo com a revista ESTRÉLAS DE PORTUGAL

missão viver até à morte. Cremos com toda a nossa fé que o filho tinha de conhecer mais aquele horror: o abandono do Pai. A verdade, porém, é que o seu pensamento na hora derradeira estava intimamente preso àquele salmo cujos versículos 6, 7 e 8 naquele mesmo momento textualmente se cumpriam nêlo:

«Mas eu sou verme, e não homem, o opróbrio dos homens e a abjecção da plebe. Todos os que me vêem escarnecem de mim; meneiam a cabeça e entreabem os lábios, dizendo: Teve confiança no Senhor; pois então que o Senhor o salve, se é que o ama! Eles trespassaram as minhas mãos e os meus pés. Repartirão entre si os meus vestidos, e tirarão á sorte a minha túnica.»

Tudo isto se cumpriu: a túnica inconsútil foi tirada á sorte. Cristo moribundo conforma-se com o que estava predito a seu respeito, e éle próprio se esforça para que assim seja. Mas foi em Getsemani onde conheceu o abandono. Quantas vezes, no decorrer daqueles três anos de vida, não teria éle gritado o primeiro versículo do salmo 21, como nós próprios hoje dizemos nas horas de cansaço e de sofrimento: «Meu Deus!» O mais singular é que, tendo-o os soldados ouvido bradar: «Eli! Eli!» julgaram que Jesus chamava por Elias, e disseram:

«Ele chama por Elias: vamos a ver se este o vem salvar...» Aquelas almas simples sentiam ainda uns restos de fé... Entretanto, o martir cumpre a sua missão versículo por versículo. Murmurou ainda: «Tenho sede!»

Molharam uma esponja em vinagre e chegaram-lha á boca. Mas não o fizeram por malvadez: os soldados bebiam aquêlo vinagre, que devia ser uma espécie de zurrapa. Jesus disse por fim: «Tudo está consumado!»

E, inclinando a cabeça, expirou. Antes disso, porém, soltou aquêlo brado misterioso que fez com que o centurião, batendo no peito, exclamasse: «Este homem era na verdade o Filho de Deus».

Não são precisas mais palavras, quando assim apraz ao Criador; um grito basta para que a sua criatura o reconheça.

(Da Vida de Jesus, de Mauriac, tradução de José Sarmento).

Carta de Paris

11 de Março de 1937

Ha no discurso dum dos interpellantes do sr. Léon Blum na Câmara dos Deputados uma frase que traduz muito bem a opinião geral: «Que cada um faça aqui o sacrificio das suas queixas ou das suas esperanças e o país lhe agradecerá o ter-se pensado só nêlo». Na verdade «O Ingnéno» de Voltaire responderia que o país deve achar naturalissimo tornar-se o objecto essencial ou mesmo unico das preocupações dos seus representantes; mas O Ingnéno não percebe nada de politica e torna-se-lhe necessário arranjar um Parlamento no qual nem os ferventes irredutíveis duma Doutrina nem os membros duma opposição não meues irredutível se deixem dominar pela sua opinião anticipada e se esforcem por votar medidas de reconhecida necessidade. Terei necessidade de vo-las resumir? Vistes que as decisões tomadas pelo Governo, no proprio dia em que vos chegava ás mãos a minha última carta, tinham por fim desfogar a Teosouraria, libertar dos seus entraves a vida económica, fazer face ás necessidades da Defesa Nacional. Em tudo isto deve haver motivo de admiração para aqueles que pretendiam que o poder estava nas mãos de alguns sectários, pois não se encontra nela coisa alguma que proceda duma mentalidade partidista.

O General de Castelnau, que ninguém pode taxar de socialista, escreveu com razão que «o Governo colocou o interesse da França acima do espirito de partido» e que é isso o essencial. Eis o que bastaria para justificar o exito do empres-

timo nesta semana se a garantia de câmbio não fosse em si bastante para seduzir os tomadores dos títulos.

O empréstimo para a Defesa Nacional quasi que não tem necessidade de ser defendido neste país onde esta causa sempre se considerou uma causa sagrada.

Livrem-se todos de julgar esta religião contrária ao ardente desejo de paz que anima a enorme maioria dos franceses. Noutro dia um orador da Câmara, que heroicamente combateu durante a Guerra, mostrou que o esforço financeiro que ele próprio preconizava não devia de nenhum modo impedir que se entresse o fim para que tendem todas as esperanças: não somente a paz que tantas custosas precauções querem precisamente salvaguardar, mas o desarmamento. Seria preciso estar privado de toda a luz da razão para admitir como definitiva a resignação duma Europa acobruhada pelo fardo das armas: em 1937, o rearmamento de doze países europeus exige 240 bilhões de francos. Por mais habituados que estejamos a já não compreender os algarismos de após-guerra, a enormidade deste tráz-nos á memória o enorme sacrificio de tantos povos applicados ao trabalho e que se vêem esmagados por estes encargos monstruosos que a estupidez humana torna obrigatórios.

Os mesmos franceses que consentem esse sacrificio foram no ultimo domingo celebrar a memória de Aristides Briand e Cocherel onde, todos os anos, vão em romaria ao seu túmulo aqueles que honram nêlo o apóstolo da paz e da Sociedade das Nações. Este ano, a cerimonia coincidia com a Assembleia Geral da Associação Francesa para a S. D. N., reunida no sábado e no domingo no Instituto de Cooperação Internacional sob a presidencia do sr. Paul Boncour. Assim se perpetua a acção de Léon Bourgeois e de Paul Appell que fundaram no dia immediato ao da Guerra, esta Associação á qual prestaram o seu concurso tantas personalidades eminentes pertencentes a todos os partidos, e a todos os ramos da actividade humana.

A reunião de Cocherel é uma especie de prelúdio á inauguração do monumento Aristides Briand que terá lugar a 30 de Maio. Esse monumento dedicado a Briand e á paz elevar-se-á em frente do Ministério dos Negócios Estrangeiros; é devido aos escultores Bouchard e Landowski e ao architecto Bigot; estes grandes nomes são a garantia duma obra de arte plenamente digna da ideia que celebra. Mais proximoamente ainda vamos ter uma outra inauguração sensacional; trata-se igualmente duma obra do escultor Landowski: o monumento do marechal Foch nos Inválidos. E' a vinte de Março, oitavo aniversário da morte de Foch que se realizará essa cerimonia; já está posto no seu lugar o grupo central dessa obra imponente perante a qual vão desfilar este ano milhares de pessoas. A grande figura de Foch engran-dece de dia para dia; de resto este monumento representa no espirito público um monumento elevado a todos aqueles que defenderam a França. Ficai certos de que na Exposição de 1937 o pavilhão dos Antigos Combatentes receberá também inumeráveis visitas. A Imprensa publicou nestes dias a *maquette* e sabemos que ele se erguerá em bom lugar no Quai d'Orsay; ao desembocar da ponte Alexandre III, abrindo-se a sua fachada sobre a Esplanada dos Inválidos. Pela forma, bem como pela ideia que o inspira pode-se comparar a uma especie de Cathedral da Paz onde a saudade se aliará á ardente esperança de tempos melhores. Pode-se dizer que os combatentes franceses terão na Exposição um palácio digno deles onde darão acolhimento a todos os antigos combatentes dos outros países.

Não esperamos a Exposição para ver afluir esses amigos estrangeiros; á parte dos visitantes que são sempre numerosos em Paris, as circunstancias politicas têm feito vir aqui ondas de emigrantes de países bem diversos. Escrever-se-á mais tarde um curioso capitulo com que a França poderá honrar-se

E' feio andar com a barba por fazer



Nunca tive uma navalha de tão boa qualidade

Tesouras de costura, manicure, barbeiro, Rugra

NAVALHAS DE BARBA RUGRA

Laminas Rugra Gold São as Melhores

A' venda nos bons estabelecimentos

e que dirá as tribulações desses hospedes que ela acolheu. Sabei que existe agora um Instituto de Historia da Emigração Política Contemporânea colocado sob o alto Patronato do Comité de honra composto de personalidades eminentes. O Comité director compõe-se igualmente de membros pertencentes á politica, ás ciencias, ás letras e ás artes e bem collocados para dirigir os trabalhos que se propõe prosseguir esse novo Instituto de História.

Os Comités de estudo especiais multiplicam-se; creio ter-vos falado já do Alto Comité Mediterrâneo. Acaba éle de abrir esta semana a sua sessão ordinaria onde são estudados os problemas politicos, administrativos e sociais que interessam ao conjunto da Africa do Norte. Muitos membros do Governo actual assistem a essas sessões e tambem os representantes da França na Argélia, na Tunisia e em Marrocos. Impressionar-vos á, como a mim me impressiona, verificar o interesse que os estrangeiros, particularmente a gente nova prestam a estes trabalhos de de que são mudas testemunhas. E' vindo como se collocam as questões submetidas ao estudo que éles compreendem verdadeiramente o espirito da politica.

A cidade universitária reúne aqui numerosos representantes da Mocidade de todos os países e a troca reciproca das opiniões e das ideias cria uma especie de corrente digna do mais alto interesse. Não se julgue contudo que esta gente nova se ocupe exclusivamente de questões politicas e sociais: as Bellas Artes não perdem o seu direito. A cidade Universitária possui agora o seu teatro e, nestes ultimos dias, os alunos do Conservatório ali foram representar *Les Plaideurs*, de Racine e *A' quoi rêvent les jeunes filles*, de Musset. Assim se cria junto ao Parque Montsouris, outora tão pouco frequentado, uma especie de segundo Bairro Latino, menos ruidoso que o antigo, mas animado já dum sópro artistico e que deixará encantadoras recordações aos seus hospedes. As lembranças da vida de estudante são daquelas que mais nos apraz evocar durante a vida. Quantos dos antigos estudantes do Quartier terão lido com pena, esta semana, a noticia da morte dum homem que muito fez pela educação artistica de muitas gerações: o violoncelista Francis Touche que, antes de fundar os célebres concertos aos quais deu o seu nome, dirigiu em pleno Bairro Latino os inolvidáveis concertos Rouge: toda a mocidade das escolas, durante mais dum quarto de século, frequentou essa amavel pequena sala da rua de Tournon onde, sob a direcção de Touche, quatorze primeiros Prémios do Conservatório representavam as obras dos maiores mestres antigos e modernos. E' sobre esta vocação que termino está já longa carta na qual, entretanto, eu desejaria falar-vos ainda no Salão dos Independentes, aberto há oito dias, da Exposição de Pouchkine na Sala Pleyel e sobretudo da magnifica Exposição Degas aberta na Orangerie.

"Permanento,"

Lapiseiras de 4 cores

Venda a prestações com bônus 2\$50 semanais

Inscree-se na IMPRENSA UNIVERSAL—R. Direita—Aveiro

Casa em Eixo

Vende-se a que pertenceu a Venancio Perninha.

Tem frente para duas ruas e serve para estabelecimento.

Tratar com Jeronimo Mascarenhas J.ºr.—EIXO

Dr. Joaquim Henriques Médico

CONSULTAS das 10 ás 12 e das 16 ás 18 SABADOS das 9 ás 12 PRAÇA DO COMERCIO (Aos Arcos)



Quando se bebe

FERRO QUINOL

é como se entrasse no sangue a energia das energias FERRO QUINOL é um tónico que levanta as forças cahidas na anemia, chlorose, exgotamento e fraqueza geral

Não precisa dieta Ha muitos anos que se vende em Portugal

CARRIS

Proprios para estancarios ou vigamentos

Vende Manoel Nunes do Pranto COSTA DO VALADO

Quereis bom cimento?

“SECIL,”

Representante

Mercantil Aveirense L.da

13, Rua do Cais, 13-A

AVEIRO

Arquivo Nacional

Vende-se uma coleção completa. Informar-se na **Imprensa Universal** Rua Direita—AVEIRO.

Dr. M. Dias da Costa Candal

Médico-Cirurgião

**Doenças dos Olhos
Clínica Geral**

Consultas todos os dias, das 9 às 12
e das 15 às 18 horas

Avenida Central — AVEIRO

TOSSE CONVULSA

Coqueluche e tosses nervosas

Cura-se em 48 horas com o Salva Viduas das Crianças preconizado pelo eminente bacteriologista sr. dr. Carlos Franca, como específico para a cura desta terrível molestia. A venda em todas as farmácias. Depósito em Lisboa, Drogaria Santos, rua Vinte de Abril, n.º 6; no Porto, Drogaria Cardoso, rua de Santa Catarina, 394; em Braga, Farmácia Paiva, Avenida Central, 67; em Coimbra, Laboratório Dr. Matos Beja, rua Ferreira Borges.

CASA VENEZA

Armazem de Malhas Miudezas e Papelarias

A. Delgado & Lourenço, L.da

Artigos para tendeiros
Avenida Dr. Lourenço Peixinho — AVEIRO

Incendios!... Mãos queimadas!... Rostos defeituosos!...
E muitas outras desgraças causadas pela preparação da CERA para encerar soalhos.

Poderá V. Ex.ª precaver-se, usando a

CERA ESPELHO

(Fabrico especial para soalhos)

COM LONGA APLICAÇÃO E OPTIMOS RESULTADOS

Vende-se Avulso

(Por preço inferior ao da propria cera de que é fabricada)

N' O PARAÍSO

Estabelecimento de Ferragens, Tintas, Cimentos, Vidraça, Sementes, Etc.

DE **ARMINDO NEVES DEUS**

Avenida Central, n.º 7 — Telefone 143 — AVEIRO

AGENCIA FORD OFICIAL

NO DISTRITO DE AVEIRO

SÓUCASAU & PIMENTA L.da

STANDS EM: AVEIRO Tel. 190 S. JOÃO DA MADEIRA Tel. 67 OLIVEIRA DE AZE- MEIS Tel. 65 onde temos sempre em exposição os mais recentes modelos.

Séde e Estação de Serviço: OLIVEIRA DE AZEIS

Na nossa Estação de Serviço executamos todas as reparações tendo pessoal especializado, e temos sempre diversos carros e camionettes usados, provenientes de trocas, que vendemos devidamente reparados, facilitando o seu pagamento.

Casa dos Ovos Moles

Antiga Pastelaria

Maria da Encarnação Mourão, Sucessora

Rua Coimbra (Antiga Costeira), 3-A e 2-B

AVEIRO

Especialidade em doces de ovos, e o mais completo sortido em barricas pintadas, e artigos para brindes

Telefone 103

Casa fundada em 1856

(A mais antiga Casa da Cidade)

Sapataria Migueis

AVEIRO

Telefone 98

Representante de diversas marcas de calçado

Sortido completo de calçado do mais fino gosto ao mais modesto

Trabalha para esta casa um dos melhores artistas portugueses em calçado de Senhora
O maior depósito de calçado da provincia



A todos que vizitem Aveiro devem preferir a **Pensão Restaurante Barros**, pois que com a grande transformação que sofreu, ficou a melhor no seu genero. Ali se encontram bons e confortaveis aposentos com o maximo do aceio, comodidade e um tratamento especial não igualavel. Preços especiais a viajantes, comensaes e excursões.

Prefiram sempre esta pensão que não vos arrependereis.

Em frente á Estação do Caminho de Ferro

Tem garage para automoveis e corretor a todos os comboios.

Proprietario—Manuel José de Barros

Empresa Cerâmica Vouga, L.da

AVEIRO

Cerâmica Fundição Serralharia

Telhas tipo Marselhez, Progresso e Vouga.

Acessórios para telhados.

Tijolos de todas as dimensões e tipos usuais.

Fundição de ferro, bronze e outros metaes.

Serralharia—Construção, montagem e reparação de máquinas para varias industrias.

Todos os trabalhos de serralharia mecânica e civil.

TELEFONE N.º 19

Oficina de Mármore, Cantarias, Marmoritos e Louzas

DE **Ernesto Correia dos Santos & Irmãos**
Avenida Central—AVEIRO

Mármore polidos para revestimento de construções, lambris, mobílias, balcões, jazigos, mausuleus, quadros eléctricos, bancas e pias para cosinha tanto em marmore como marmorito e louzas marmorito para escadaria, pavimentos sem juntas, construidas nas próprias obras com vários desenhos ao preço dos Mosaicos Hidráulicos

Fundição

Serralharia Mecânica

**SOLDADURA
ELECTRICA**

Fundição Aveirense
TELEFONE 40

Serração
Moagem

J. A. Paula Dias

Eucaliptos

VENDE para construções e vasilhame.

Tratar com Henrique Nasciment

S. Bernardo — Aveiro

Dr. Alberto Barbedo

Medico especialista das doenças de ouvidos, nariz, garganta e boca. Operações e consultas aos domingos das 11 horas em diante no consultorio do Dr. A. Machado.

Praça 14 de Julho, 20
AVEIRO

Dentista Soares

Clinica dentaria-Dentes artificiais

ORTODONCIA

Rua João Mendonça

(Junto ao Banco N. Ultramarino)

AVEIRO

Pensão Serrana

DE

Francisco Rodrigues

S. João da Serra—S. Pedro do Sul

A melhor estancia e a mais recomendada para repouso e ares

Silvio Pélico de Oliveira Neto
Advogado

Escritorio e Residencia
Rua Dr. Bernardo de Albuquerque, 93
Telefone 242

Coimbra—CELAS

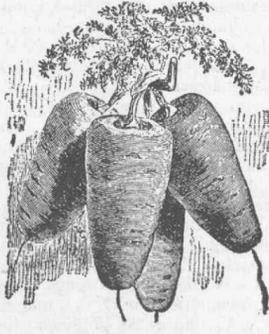
J. A. Corrêa Bastos

Solicitador

AVEIRO

SEMENTES DE TODAS AS

QUALIDADES



AS MELHORES

AS MAIS SELECIONADAS

PARA TODOS OS PREÇOS

Preços especiais para revendedores e hortelões

— IMPORTAÇÃO DIRECTA —

Enviem-se listas de preços

Adubos

(de maior confiança e mais bem apresentados), para todos os cultivos — Insecticidas.

HORTÍCOLA Aveirense

de **MARTINS PEREIRA**

Rua de S. Sebastião, 15 — AVEIRO

Tudo para electricidade

encontrará V. Ex.ª no estabelecimento da firma

Ferreira, Pereira & C.ª

Praça 14 de Julho e Rua Tenente Rezende

Enorme sortido de candieiros em todos os formatos.

Instalações de luz, força e campainhas.

Aparelhos electricos para uso domestico.

MATERIAL de T. S. F.

TINTAS de ESMALTE, VERNIZES etc.

Lampadas de varias marcas desde 3\$00

TRICANA

Primorosa marca que impõe uma deliciosa qualidade de cafés moidos

Fornecedores de chicoria granulada, ovos moles e mexilhão

A. Seixas & Rezende

AVEIRO